

## **Estereótipos sobre pessoas que convivem com HIV: uma análise do vídeo do canal Põe na Roda<sup>1</sup>**

Robson Evangelista dos SANTOS FILHO<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

### **RESUMO**

No presente artigo, pretendemos promover uma discussão sobre os estereótipos que são costumeiramente atribuídos a pessoas que convivem com HIV, a partir da análise de um vídeo do canal *Põe na Roda*, no *YouTube*. Para tanto, recorreremos à Análise do Discurso, especificamente à Teoria Semiolinguística, de Patrick Charaudeau, para compreender essa situação de comunicação, evidenciar os imaginários sociais que aparecem no vídeo e avaliar se o canal, como uma mídia alternativa, consegue, assim como se propôs, romper as representações estereotipadas sobre soropositivos.

**PALAVRAS-CHAVE:** estereótipos; HIV; Põe na Roda; YouTube.

### **1. Introdução**

No presente artigo, pretendemos debruçar-nos sobre alguns dos estereótipos que são costumeiramente atribuídos a pessoas que convivem com HIV. Nesse sentido, a mídia possui um papel importante, uma vez que consiste em um dos principais meios de disseminação de representações sociais. Dessa forma, dependendo do modo como retrata grupos sociais minoritários, tais como os soropositivos, pode ser eficiente na desmitificação de estereótipos sobre eles e, assim, contribuir para reverter o seu contexto social ou, num efeito reverso, pode acabar por reforçar estes estereótipos, estigmatizando os indivíduos e intensificando preconceitos que serão conseqüentemente reproduzidos pela sociedade (QUINTÃO; GUIMARÃES; DUARTE, 2013).

Tivemos, recentemente, alguns episódios de atuações midiáticas que retrataram soropositivos de modo estereotipado, tais como a edição da Revista *Época*, de 02 de abril de 2018, que abordou em sua matéria de capa um medicamento recém-lançado para a prevenção do HIV. Já na manchete, associou homossexuais ao vírus, embora saibamos que heterossexuais também são infectados, e às imagens de promiscuidade e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, no GP 28 – Comunicação, Imagem e Imaginários, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduado em Comunicação Social – Jornalismo e mestrando em Letras, na área de Estudos do Texto e do Discurso, pela Universidade Federal de Viçosa, e-mail: robsonevangelistasantosfilho@gmail.com.

---

irresponsabilidade ao narrar que o novo remédio fez com que gays, que, segundo a reportagem, se relacionam com vários parceiros, “abandonassem a segurança da camisinha”, culpabilizando-os, assim, pelas possíveis infecções.

Em 14 de maio de 2018, o programa Casos de Família, veiculado pelo SBT, também prestou um serviço de desinformação ao público. A apresentadora Cristina Rocha, ao comentar o “aumento da incidência de AIDS no Brasil”, disse que “com os coquetéis ficou mais fácil de tratar a doença, mas ela continua sendo letal... morte na certa”, retomando a ideia que durante muito tempo atrelou o HIV à morte, principalmente à época do seu surgimento, mas que atualmente não mais se mantém.

Da mesma forma, em 2015, a novela Malhação, da Rede Globo, gerou polêmica quando Henrique, personagem soropositivo interpretado pelo ator Thales Cavalcanti, machucou a testa durante um jogo na escola e ficou preocupado pela possibilidade de ter contaminado as suas colegas. Com essa cena, a trama televisiva transmitiu um conteúdo equivocado sobre o contágio do vírus HIV.

Estes casos, como vários outros que poderiam ser citados, exemplificam e fazem-nos refletir sobre como representações midiáticas de pessoas que convivem com HIV podem trazer informações errôneas, calcadas em estereótipos, sem dar margem a discussões importantes sobre o tema que deveriam ser trazidas à baila e influenciando, assim, a formação da opinião pública sobre este grupo já tão estigmatizado. A partir dessas produções da mídia tradicional, redirecionamos nosso foco para as mídias alternativas, especificamente as encontradas no ciberespaço, uma vez que, graças à Web 2.0, movimento datado de 2004, os internautas passaram a ter uma participação ativa na produção e compartilhamento de conteúdos na internet, tornando-se, portanto, independentes dos veículos da grande imprensa e podendo dar mais espaço ou tratamento correto às temáticas, como o HIV. Nosso objetivo é avaliar, então, como são feitas as representações de soropositivos nesse meio, se diferem ou são iguais às realizadas pela mídia hegemônica.

Diante desse questionamento, elencamos para a nossa análise, a ser apresentada neste artigo, um vídeo do canal *Põe na Roda*, no *YouTube*, o qual apresentou uma série de estereótipos sobre pessoas que vivem com HIV a fim de rompê-los. Para analisar os discursos dessa produção audiovisual, adotaremos a Análise do Discurso, notadamente de origem francesa, recorrendo às contribuições de uma de suas vertentes, a Teoria Semiolinguística, de Patrick Charaudeau.

---

Na primeira parte do artigo, trataremos pressupostos teóricos importantes para subsidiar metodologicamente as nossas análises, apresentando a Análise do Discurso e a Teoria Semiociuística, conceitos importantes desse campo e desse referencial analítico, mas também outras discussões pertinentes ao nosso objeto, tais como a noção de estereótipos. Na segunda parte, discutiremos sobre a temática aqui abordada, com apontamentos sobre o HIV. E, na sequência, realizaremos, por fim, as análises do material, apresentando resultados e discussões obtidos por meio delas.

## **2. Análise do Discurso e Teoria Semiociuística**

Se toda produção de linguagem pode ser considerada discurso, a Análise do Discurso pode parecer, para alguns, algo vago e amplo, mas consiste em uma disciplina de origem francesa (MUSSALIM, 2001), que surge com a mudança do núcleo rígido da Linguística, onde estão a Fonética, a Sintaxe e a Semântica, em direção à periferia, relacionando-se com áreas do exterior, tais como a História, a Sociologia, a Psicologia, a Psicanálise, dentre outras (MAINGUENEAU, 1997). Foi em razão da diáspora na Linguística, realizada por Saussure, ao opor língua e fala, priorizando o estudo da língua enquanto sistema, que a Análise do Discurso, com seus estudos linguísticos da fala, foi marginalizada durante anos. Difere-se das disciplinas do centro por inserir o sujeito na linguagem, por enxergar o sujeito que está atrás de cada discurso, o que passa a exigir, então, novos modos de análise. A Análise do Discurso estabelece, nesse sentido, a relação entre mundo e linguagem, entre texto, enquanto materialidade, e contexto, que concerne o que está além dessa materialidade. Relaciona palavras a lugares, apreende a estrutura dos enunciados a partir daquilo que carregam (MAINGUENEAU, 2001).

Dentre as vertentes da Análise do Discurso, selecionamos para as análises deste artigo a Teoria Semiociuística, formulada pelo linguista francês Patrick Charaudeau, que aborda tanto fenômenos psicológicos e sociais, como ação e influência, quanto fenômenos linguageiros, como a construção do texto e do sentido, daí referir-se ao discurso como construção psico-sócio-lingageira e à sua teoria como semiociuística (CHARAUDEAU, 2005).

A Teoria Semiociuística de Charaudeau permite que sejam analisados diversos discursos, como jornalísticos, publicitários, políticos e literários, assim como possibilita a compreensão de problemas discursivos, como a imagem de si e a emoção na linguagem. Esta teoria serve a três problemáticas: comunicativa, por abordar mais as

condições situacionais, o que Charaudeau chama de contrato de comunicação, do que as marcas linguísticas; representacional, por se valer do que o autor denomina imaginários sociodiscursivos no momento de analisar as estratégias mobilizadas; e cognitiva, uma vez que oferece construtos e categorias de análise, podendo alguns conceitos servirem tanto como referencial teórico quando metodológico, a exemplo dos imaginários sociodiscursivos (CHARAUDEAU, 1999). Das diversas contribuições dessa teoria, utilizaremos neste artigo a noção de contrato de comunicação, modos de organização do discurso e imaginários sociodiscursivos.

Segundo Charaudeau (2010), o discurso tem seu sentido tanto no ambiente e na manifestação verbal quanto no conteúdo do enunciado, podendo ser produzido e interpretado em função de algumas condições e mediante negociações. Por isso, todo ato de comunicação implica um aspecto contratual, um quadro físico e mental da situação de comunicação do qual fazem parte vários elementos, como a identidade e os papéis dos sujeitos produtores e receptores envolvidos, a relação entre eles, a visada (finalidade) e o propósito (tema) do discurso, o dispositivo pelo qual é veiculado, as restrições às quais pode ser submetido e as estratégias que podem ser adotadas (CHARAUDEAU, 2005, 2008).

Por sua vez, os modos de organização do discurso referem-se aos procedimentos que dispõem a matéria languageira de acordo com as intencionalidades do sujeito falante, sejam elas narrar, descrever ou argumentar. Charaudeau sugere, então, quatro modos: narrativo, descritivo, argumentativo e enunciativo, estando este último presente em todos os outros (CHARAUDEAU, 2008), conforme veremos mais adiante.

Outra discussão que nos interessa aqui é acerca dos estereótipos. Lysardo-Dias (2006) define-os como interdiscursos que, ao serem repetidos e retomados, consolidam-se e cristalizam-se como representações socialmente partilhadas que, quando acionadas, são atualizadas pelas interações sociais que as reforçam. Para a autora, funcionam como uma estratégia discursiva que se vale do “já dito” para, segundo Moscovici (2003), familiarizar o que ainda não é familiar, trazendo para o universo consensual aquilo que é largamente difundido. Além disso, o estereótipo constitui “um material simbólico que participa da construção e do reconhecimento de uma identidade coletiva porque opera uma categorização que incide na imagem que os sujeitos têm de si e dos outros” (LYSARDO-DIAS, 2006, p. 26).

---

Entretanto, segundo Procópio-Xavier (2012, p. 64), essas imagens podem “fomentar impressões preconceituosas e discriminatórias em função de uma identificação pejorativa do outro”. Por essa razão, muitos estudiosos preferem utilizar o conceito de representações sociais, que tende a ser menos marcado negativamente. Para essa pesquisa, no entanto, nos apropriamos do termo estereótipo porque acreditamos haver no vídeo analisado uma recorrência a modelos de representação estigmatizados da identidade soropositiva e das pessoas que vivem com HIV.

Charaudeau (2006) também trabalha com o conceito de estereótipos, mas apresenta a noção de imaginários sociodiscursivos, definindo-os como representações sociais que constroem a realidade como universo de significações e que fundam a identidade de um grupo, mantendo a sociedade unida a partir desse mundo de significação, ou seja, de imaginários sociais comuns a todos os indivíduos em suas relações. Charaudeau traz esta noção para o campo analítico-discursivo, criando o conceito de imaginários sociodiscursivos, que são os imaginários circundantes no interior de um grupo social identificados por enunciados linguageiros.

### **3. HIV**

O HIV é a sigla em inglês para o Vírus da Imunodeficiência Humana, que ataca o sistema imunológico, responsável por defender o organismo de doenças. A transmissão acontece por meio de relações sexuais desprotegidas, compartilhamento de instrumentos perfurocortantes não esterilizados, transfusão de sangue contaminado e de mãe para filho durante a gravidez, no parto ou na amamentação. É importante ressaltar que ter HIV não é o mesmo que ter AIDS, que seria uma fase avançada em que a pessoa infectada atinge baixos níveis das células de defesa, ou seja, o primeiro consiste em um vírus e apenas o segundo pode ser classificado como doença.

De acordo com o mais recente relatório do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS), lançado em junho de 2017, estima-se que 36,7 milhões de pessoas vivem com HIV no mundo. No Brasil, em 2016, havia 830 mil pessoas com HIV. Segundo o Ministério da Saúde, 84% dessas pessoas já foram diagnosticadas, das quais 55% estão em tratamento. E das que estão tratando, 50% apresentam carga viral indetectável, ou seja, não transmitem o vírus sexualmente.

O Brasil foi um dos primeiros países, dentre os de renda baixa e média, a fornecer tratamento gratuito para pessoas com HIV, em 1996, pelo Serviço Único de

Saúde (SUS). Em 2013, adotou algumas estratégias, como oferta de tratamento a todas as pessoas vivendo com HIV, independentemente do estado imunológico, aumento da cobertura de testagem, implantação de campanhas de conscientização, entre outras iniciativas. Em 2015, o UNAIDS reconheceu o país como referência mundial no controle da epidemia. Entretanto, atualmente, ainda conforme o relatório, o Brasil concentra mais da metade de novas infecções de HIV na América Latina e, na contramão do restante do mundo, registrou um aumento de contaminações.

A identificação do HIV em 1981 foi um marco na história da humanidade, com uma ameaça de crise na saúde pública global que tem gerado, deste então, uma exaustiva discussão na comunidade científica e na sociedade em geral (BRITO; CASTILHO; SZWARCOWALD, 2001). Diante de uma nova infecção, que se disseminava e se agravava rapidamente, repercutiu na coletividade um discurso que, apoiado em valores morais e em ideias de uma enfermidade incurável e mortal relacionada à sexualidade, provocava o medo de contágio e a sensação de risco iminente, ocasionando a marginalização dos grupos que estavam associados ao vírus (ALMEIDA; LABRONCINI, 2007).

Nesse sentido, os homossexuais tiveram aí um agravante, por serem categorizados como um grupo de risco do HIV. Na época, a AIDS ficou conhecida como “peste rosa”, “câncer gay”, “doença dos gays”, colocando os homossexuais como “irresponsáveis e pervertidos que alastram a doença do século” (ALMEIDA, 2016).

Como ressalta Miskolci (2012), a epidemia de AIDS é um fato biológico, mas também uma construção social, uma vez que poderia ter sido constituída como uma doença viral, por surgir a partir de um vírus. Entretanto, foi delimitada como doença sexualmente transmissível, como se a infecção fosse um castigo aos homossexuais, por não seguirem a ordem sexual tradicional. Houve, portanto, uma patologização das sexualidades dissidentes, o que trouxe consequências políticas na forma como a sociedade compreende suas práticas sexuais até os dias de hoje.

Para reverter esta situação, alguns grupos de militância decidiram divulgar a imagem do “gay comportado” que se encaixava no molde heterossexual, num processo de normalização, entretanto, ainda assim, o preconceito continuou (ALMEIDA, 2016).

É nesse contexto que, segundo Miskolci (2012), consolida-se a Teoria *Queer*, por contribuições de Judith Butler, Michel Foucault e Eve Sedgwick, especificamente na segunda metade da década de 1980, quando o governo dos Estados Unidos se recusa

---

a reconhecer a AIDS como uma emergência de saúde pública, mostrando, assim, que o conservadorismo se volta contra as demandas sociais. Com isso, o movimento gay e lésbico torna-se mais radical que o movimento da década de 1960 e passa a criticar a sua própria luta política. O *queer*, que associa-se a xingamentos como abjeto, esquisito e anormal, surge, então, como uma reação e resistência à questão biopolítica trazida pela AIDS, argumentando que a problemática não reside na homossexualidade, mas na abjeção, ou seja, no espaço ao qual são relegados os indivíduos que são tidos como uma ameaça à ordem social, uma vez que “o ‘aidético’, identidade do doente de aids, encarnava esse fantasma ameaçador contra o qual a coletividade expunha seu código moral” (MISKOLCI, 2012, p. 24).

O movimento *queer* questiona que mesmo gays e lésbicas “reconhecidos e tolerados” são transformados em abjetos em outros momentos. Diferencia-se, nesse sentido, do movimento anterior, que reivindicava o respeito à diversidade, a aceitação e a incorporação à sociedade e que defendia a homossexualidade com base em valores hegemônicos. O movimento *queer* foge, então, desse binário hetero-homo e passa a questionar o par normal-anormal, criticando os regimes de normalização da sexualidade, aos quais o próprio grupo de gays e lésbicas se submetiam, e demarcando, a partir disso, uma perspectiva da diferença (MISKOLCI, 2012).

Apesar de alguns avanços, como o advento dos medicamentos antirretrovirais e a criação de recursos econômicos, políticos, psicológicos e sociais para lidar com a AIDS, ainda prevalecem estigmas, preconceitos e discriminações às pessoas que convivem com HIV (ALMEIDA; LABRONCINI, 2007), os quais são constantemente compartilhados, conforme vimos, pela mídia. Entretanto, alguns meios alternativos, como o canal *Põe na Roda* no *YouTube*, se propõem a desconstruir os estereótipos atribuídos aos soropositivos. A seguir, analisaremos, então, como as produções audiovisuais desse canal constroem as representações dos soropositivos na internet.

#### **4. Resultados das análises e discussões**

Criado em 2014, o canal *Põe na Roda*<sup>3</sup> produz e lança semanalmente vídeos que tratam de questões LGBTs, destinando-se principalmente ao público gay, mas também com conteúdos sobre/para lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e heterossexuais. O canal contém atualmente 333 vídeos, contabilizando mais de 830 mil

---

<sup>3</sup> Disponível em: [www.youtube.com/user/canalpoenaroda](http://www.youtube.com/user/canalpoenaroda).

---

inscritos e quase 120 milhões de visualizações<sup>4</sup>. Produzido originalmente por Pedro Castilho, Nelson Sheep e Felipe Abe e recentemente apenas pelo primeiro deles, o canal também conta com a participação de celebridades, pessoas nas ruas, membros da comunidade LGBTQ+ e alguns convidados, como seus amigos, familiares e namorados.

O nome *Põe na Roda* faz referência ao objetivo de trazer para discussão temas do universo gay, a fim de desmitificar alguns deles e, concomitantemente, lutar contra o preconceito e oferecer visibilidade ao grupo LGBTQ+. O canal se propõe a aliar ativismo, humor e informação, tratando de assuntos variados. Suas produções consistem em esquetes humorísticos, além de reportagens, notícias, entrevistas, quadros de *games*, de perguntas e respostas, de conselhos para problemas do cotidiano, entre outros. Embora os produtos cômicos sejam a maioria, alguns vídeos fazem abordagens de forma mais séria, de acordo com a temática abordada e com o formato utilizado. Essas observações foram evidenciadas em nossa pesquisa “A construção de identidade(s) por meio de uma análise dos vídeos do Canal *Põe na Roda*”, a partir da qual elaboramos uma radiografia do canal – apresentada no Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste deste ano e, em breve, publicada nos anais do evento – também debruçando-nos sobre os estereótipos encontrados em seus vídeos.

Para a análise deste artigo, selecionamos o vídeo *Não é por ter HIV que eu...*<sup>5</sup>, que foi publicado no canal em 1º de dezembro de 2017, data em que se comemora o Dia Mundial de Combate à AIDS, e obteve aproximadamente 340 mil *views*<sup>6</sup>. O vídeo seguiu a mesma estrutura de outros, como o *Não é por ser gay que eu...*, que conquistou grande repercussão na internet e impulsionou o canal à época de sua criação. Sob o formato de um esquete, que caracteriza-se, segundo Travaglia (2016), por um gênero oral, curto, com encenação teatral de vivências, quase sempre de caráter cômico, a produção apresenta uma série de depoimentos de soropositivos. Valendo-se do humor, eles recorrem a estereótipos geralmente utilizados para se referir a pessoas que vivem com HIV e tentam, assim, desmitificá-los.

Pouco sabemos ou pouco nos é revelado sobre a identidade pessoal desses sujeitos, uma vez que não há nenhuma identificação ou informação sobre eles, a não ser suas características icônicas no vídeo e seus nomes nos créditos finais. Alguns deles são conhecidos por terem publicizado a sua sorologia, como os atores Gabriel Comicholi e

---

<sup>4</sup> Dados consultados em 05 de junho de 2018.

<sup>5</sup> Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=FtTZoDw0z4k](http://www.youtube.com/watch?v=FtTZoDw0z4k).

<sup>6</sup> Dados consultados em 10 de junho de 2018.



Gabriel Estrela, que criaram os respectivos canais *HDIário* e *Boa Sorte* para abordar a temática no *YouTube*; Geovanni Henrique, que ganhou visibilidade após uma postagem feita na sua página pessoal no Facebook; Silvia Almeida, que há alguns anos dedica-se à causa; João Geraldo Neto, igualmente ativista, consultor do Departamento de AIDS do Ministério da Saúde e também dono de um canal no *YouTube*; e Rafael Bolacha, membro do canal *Chá dos 5* e idealizador do projeto *Por uma vida positiva*, que inclui um *blog*, um livro e um espetáculo de dança que contam a sua história. Entretanto, eles são mais reconhecidos na internet, apesar de alguns terem sido convidados para participarem de programas na TV, como da Fátima Bernardes, da Marília Gabriela e do Serginho Groisman. Mas sobre todos, sejam anônimos ou conhecidos, podemos citar uma identidade em comum, a de soropositivo, estando esta demarcada em suas falas quando partem do mesmo enunciado “Não é por ter HIV que eu...”. Trata-se, então, da identidade de posicionamento assumida por eles no momento do discurso.

São esses sujeitos, portanto, os emissores dos discursos aqui analisados, pois, de acordo com o contrato de comunicação proposto por Charaudeau (2005, 2008), os locutores são categorizados em EU comunicante e EU enunciador, sendo o primeiro o ser social e o segundo o papel adotado por ele no momento da enunciação. Neste caso, porém, em que os discursos desses sujeitos partem de um roteiro pré-estabelecido pelos produtores do *Põe na Roda*, o EU enunciador consiste no próprio canal.

Se, conforme aponta Bakhtin (1997), todo discurso se dá por meio de uma interação verbal entre sujeitos, sendo a palavra uma ponte entre eles, e tendo já definido aqui os sujeitos emissores dos discursos analisados, resta-nos definir os sujeitos receptores, nomeados por Charaudeau como TU destinatário, que consiste no público idealizado pelo canal – no caso, a comunidade LGBTQ+, especificamente o segmento gay – e TU interpretante, que seria o público que realmente assistiu ao vídeo. Inclusive, levando em consideração o espaço virtual e a comunicação em rede, qualquer pessoa, de qualquer local do mundo, pode ter tido acesso ao material.

Como aponta Charaudeau (2005, p. 13), “todo sujeito que produz um ato de linguagem visa atingir o seu parceiro, seja para fazê-lo agir, para afetá-lo emocionalmente, seja para orientar seu pensamento”. Podemos perceber, então, que o vídeo tem como visadas discursivas fazer saber, como quando apresenta no final alguns dados sobre o HIV, informa modos de prevenção e ressalta a importância de se realizar os testes de sorologia e fazer o tratamento em caso positivo; e fazer sentir, como quando

---

tenta sensibilizar o público, com a história do pai que comenta que, mesmo sendo soropositivo, pode ser casado e ter filhos, ou quando tenta entreter, a exemplo das encenações engraçadas que apresenta: o casal no restaurante discutindo por causa das refeições ou Rafael Bolacha mostrando a um amigo os seus remédios, dentre eles o da jornalista Glória Maria que, segundo ele, o faz ficar mais jovem. Percebemos, ainda, as finalidades de fazer crer, com todos os depoimentos que tentam desmitificar os estereótipos sobre os soropositivos; e fazer fazer, que a partir da última visada, poderia influenciar o público a mudar algumas noções que têm a respeito das pessoas que convivem com HIV.

Os discursos em questão, concentrados em uma produção audiovisual, são veiculados por meio de um canal do *YouTube*, na internet, sendo este o seu dispositivo, com depoimentos editados e roteirizados que têm como tema, conforme já bastante comentado aqui, o HIV e os estereótipos atribuídos a este vírus. Tendo definido, assim, todos os elementos do contrato de comunicação, voltemos agora para outros pontos sugeridos por Charaudeau: os modos de organização dos discursos, as restrições às quais estão submetidos e as estratégias que podem ser mobilizadas.

Podemos observar que os discursos estão organizados pelo modo enunciativo, que, segundo a categorização de Charaudeau (2008), aparece em todos os tipos de discurso e, inclusive, em outros modos de organização, como narrativo, argumentativo e descritivo, por marcar a presença do sujeito, que, como aponta Pêcheux (1995), é sempre um elemento presente no discurso. Além disso, predomina no vídeo o comportamento elocutivo, que marca a relação dos locutores consigo mesmos (CHARAUDEAU, 2008). A repetição do ato elocutivo “Não é por ter HIV que eu” parece ser uma restrição que impõe a utilização de um mesmo discurso, mas configura-se aí como estratégia a continuação deste ato de linguagem, que, como vimos, pretende despertar determinados efeitos no interlocutor. E, para tanto, recorrem estrategicamente a imagens estereotipadas sobre pessoas soropositivas.

Segundo a teoria dialógica bakhtiniana, que se refere não apenas à interação entre os sujeitos, mas também ao dialogismo entre discursos, tudo que é dito já foi dito alguma vez, por alguém, em algum lugar, sendo, portanto, eco de outros discursos (BAKHTIN, 1997). A presença de estereótipos nos discursos consiste, então, em uma recuperação de outros discursos já proferidos anteriormente, que foram compartilhando e cristalizando essas representações na sociedade.

---

Segundo Ducrot (2008), além do que está posto nos enunciados, há os implícitos, ou seja, os não-ditos que podem ser inferidos pelos interlocutores, como, no caso, as referências às imagens estereotipadas. Dessa forma, dos enunciados “Não é por ter HIV que eu...” poderão ser extraídos alguns pressupostos. Por exemplo, o enunciado “não é por ter HIV que eu não posso ter uma vida normal” traz, implicitamente, o pressuposto de que “quem tem HIV não pode ter uma vida normal”, resgata esse discurso que circulou na sociedade previamente, inclusive de forma bastante expressiva, para, então, negá-lo por meio do uso da palavra “não”, que funciona, aqui, como um operador de oposição a uma ideia comumente difundida. O mesmo recurso discursivo foi utilizado para os demais estereótipos mobilizados no vídeo, de modo a contrariá-los. Discorreremos sobre estes estereótipos a seguir.

Logo no começo do vídeo, durante a conversa entre os personagens, um deles diz que “Não é por ter HIV que eu tenho que falar para você”, referindo-se à discussão a respeito da exposição da identidade soropositiva. Embora, como vimos, algumas pessoas revelam conviver com HIV, esta identidade pertence ao âmbito particular e seu sigilo é garantido por lei pela Declaração dos Direitos Fundamentais da Pessoa Portadora do Vírus da AIDS, de 1989. Nessa questão público *versus* privado, insere-se a ideia atribuída aos relacionamentos, segundo a qual as pessoas deveriam compartilhar informações, como esta, com os seus parceiros. O vídeo rompe aqui este imaginário, na medida em que considera a sorologia sob a esfera do íntimo, cabendo apenas ao indivíduo a decisão de revelá-la ou não.

No vídeo também aparecem vários estereótipos relacionados às formas de contágio do HIV, como nos depoimentos: “Não é por eu viver com HIV que você vai pegar”, “que eu transei sem camisinha”, “que a gente não possa dividir o canudo”. Reforçam, assim, que há outras maneiras de contrair o vírus além de por relações sexuais, conforme mostramos anteriormente, e contrariam os imaginários de que o HIV possa ser transmitido pelo compartilhamento de objetos, como talheres, copos, toalhas e sabonetes, por usar o mesmo assento ou banheiro ou por estar junto na piscina, por picada de inseto, pelo ar, suor, lágrima, beijo, abraço, dentre várias outras ideias equivocadas que circulam na sociedade. Da mesma forma, o trecho “Não é por ter HIV que eu não possa ser casado ou ter filhos” pode servir para mostrar que a transmissão de mãe para filho pode ser evitada, desde que haja um acompanhamento médico, e que é

---

possível ter uma relação com pessoas soronegativas, como exemplificado na fala “não é por ter HIV que ele não possa ter uma relação sorodiferente”.

Também com a visada de elucidar o público, o vídeo apresenta alguns estereótipos que atrelam o HIV à doença e à ideia de morte: “Não é porque eu tenho HIV que eu não posso planejar o meu futuro”, “que eu tenho a saúde debilitada”, “que eu não possa ter um estilo de vida saudável”, “que eu apresente qualquer sintoma”, “ou que eu vá morrer daqui a pouco”. Com isso, aproveita para romper o imaginário da fatalidade do vírus, ainda bastante presente na sociedade devido à associação a figuras como os cantores Cazusa e Renato Russo, que faleceram em uma época em que ainda não havia tratamento para o HIV, conforme Silvinha apontou ao dizer “há 23 anos eu achava que ia morrer dali a pouco”. A partir dessas falas, o vídeo também afirma que é possível para o soropositivo ter uma vida normal, “fazer tatuagem”, “beber o que gosta”, sem ser necessariamente “uma pessoa triste”, sendo, portanto, como qualquer outra, e marca, ainda, a distinção, comentada acima por nós, entre HIV e AIDS, com o depoimento do Dr. Ricardo Vasconcelos: “Uma pessoa que vive com HIV e faz o tratamento nunca irá desenvolver AIDS, ficar doente ou ter complicações que a gente imagina”. O médico assume, aqui, um papel languageiro justificado, além da sua identidade como soropositivo, pelo cargo profissional que ele ocupa, possuindo, portanto, legitimidade para falar sobre a temática (CHARAUDEAU, 2005).

Além dessas concepções equivocadas sobre o HIV, há representações sociais, bastante demarcadas por estigmas e preconceitos, que consideram os soropositivos como promíscuos e irresponsáveis. A partir dos trechos “não é por ter HIV que eu seja gay” e “que eu seja jovem”, podemos compreender, ainda, como os estereótipos da irresponsabilidade e da promiscuidade são comumente associados a adolescentes e homossexuais. Embora, segundo dados divulgados pelo Ministério da Saúde em janeiro deste ano, os homens jovens e gays ainda sejam os mais vulneráveis ao HIV, quando a sociedade nomeia estes sujeitos como insensatos e pervertidos, constitui essa identidade para esses grupos, dando margem à discriminação. Nesse sentido, o vídeo também pode contribuir para chamar a atenção dos interlocutores sobre os riscos dessa categorização.

Apesar de tentar desconstruir estereótipos, em alguns momentos o vídeo acabou, mesmo sem intenção, reforçando-os. Gabriel Comicholi, após dizer que não deve ficar se culpando, aparece ajoelhado sobre grãos de milho. Em outra cena, ele diz que “não é por ter HIV que seja irresponsável”, mas em seguida deixa cair um secador de cabelo

dentro da banheira onde está deitado. Estas encenações na sequência aos discursos negam os argumentos anteriores, uma vez que as imagens também passam mensagem e parecem mostrar, então, que Comicholi está se culpando, sim, por estar exercitando uma conhecida prática de castigo, e que pode ser considerado irresponsável, por manusear um eletrodoméstico próximo à água. Em outro momento, após o depoimento “não é por ter HIV que eu não posso comer o que eu quiser”, Geovanni Henrique complementa “ou quem eu quiser”, fazendo referência ao sentido sexual dado popularmente de forma chula à palavra “comer”. Nisso, Jeandro Borba, seu namorado, intervém e exclama “Como assim quem eu quiser?”. Esta cena, embora fictícia, pode reforçar a ideia de que gays e soropositivos são promíscuos, uma vez que, mesmo em um relacionamento, se interessam por outras pessoas.

### **5. Considerações finais**

A partir das análises do vídeo *Não é por ter HIV que eu*, podemos concluir que o canal *Põe na Roda*, nesta produção audiovisual, apresentou diversos estereótipos relacionados às pessoas que vivem com HIV: sobre a obrigatoriedade de revelar a identidade soropositiva, as formas de contágio, os grupos mais afetados pelo vírus, a culpabilização das vítimas, as ideias de promiscuidade e irresponsabilidade, a associação à morte, à doença e à AIDS. Estes estereótipos foram utilizados de forma estratégica, uma vez que, por consistirem em representações fixadas e partilhadas socialmente, possuem um papel importante para a coletividade interagir, funcionando como um modo de conhecimento da realidade (LYSARDO-DIAS, 2006).

O uso do estereótipo como estratégia linguístico-discursiva parece ser de grande validade para a elaboração de atos de linguagem em que se pretende problematizar algumas questões e convencer o outro de determinadas posições. Adotar imagens cristalizadas na sociedade como recurso tende a fazer com que o público compreenda sobre o quê se está falando para que, num segundo momento, a partir da articulação texto e imagem e pela repetição do ato elocutivo proposto no vídeo, possa desconstruir a própria imagem estereotipada.

Ao acionar os estereótipos, o vídeo conseguiu, então, alcançar o seu objetivo de tentar desconstruir discursivamente alguns dos imaginários sociodiscursivos geralmente relacionados aos soropositivos. Relação essa que se dá por meio da linguagem e da interação verbal, contribuindo para a constituição da identidade desses sujeitos, para a

construção da imagem que os outros terão sobre eles, assim como para a representação que eles farão de si mesmos (CHARAUDEAU, 2005), daí a importância desse processo de desmitificação. Apesar de não apresentar maiores informações nem de aprofundar em alguns pontos importantes sobre o HIV, em razão do curto tempo de duração e do ritmo acelerado do vídeo, pode conseguir incitar o público a questionar os estereótipos e a buscar mais dados a respeito.

Entretanto, ao recorrer aos estereótipos como forma de ilustrar um determinado propósito discursivo, corre-se o risco de, mesmo sem intenção, reforçar o próprio modelo cristalizado. Em alguns momentos, ao invés de romper estes modelos, o vídeo acabou reforçando-os, pela utilização de encenações que não correspondiam aos discursos veiculados e que incorreram numa valoração depreciativa.

Nesse sentido, devemos refletir sobre os discursos que são colocados em circulação pela mídia, que, por vezes, espalha representações aparentemente homogêneas e inquestionáveis, com a ilusão de unidade em termos de visão de mundo e percepção da realidade, reduzindo ou impedindo as chances de discordâncias e rupturas (LYSARDO-DIAS, 2006), e, até mesmo, prestando um serviço de desinformação sobre temáticas polêmicas como o HIV. Não podemos, contudo, nos esquecer de que, apesar desse papel fundamental da mídia em relação à construção de representações sociais, muitas vezes ela apenas vale-se de estereótipos já circundantes na sociedade, tendo, nós, portanto, também um papel essencial ao lidar com os imaginários sociodiscursivos e com as imagens projetadas sobre os outros.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Daniel Mazzaro Vilar de. **Performatividades gays**: um estudo na perspectiva brasileira e argentina. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte – MG, 2016.

ALMEIDA, Maria Rita; LABRONICI, Liliana. A trajetória silenciosa de pessoas portadoras do HIV contada pela história oral. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 12, n. 1, jan/mar 2007.

BAKHTIN, Mikhail. A interação verbal. In: **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 90-109.

BRITO, Ana Maria de; CASTILHO, Euclides Ayres de; SZWARCOWALD, Célia Landmann. AIDS e infecção pelo HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, mar/abr 2001.

---

CHARAUDEAU, Patrick. Análise do discurso: controvérsias e perspectivas. In: MARI, H. et al. (Org). **Fundamentos e dimensões da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: FALE/NAD – UFMG, 1999.

\_\_\_\_\_. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A.; GAVAZZI, S. (Orgs). **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11-27.

\_\_\_\_\_. **Discurso Político**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. Um modelo sócio-comunicacional do discurso: entre situação de comunicação e estratégias de individualização. **Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil**. Uberlândia: Edefu, 2010. p. 01-23.

DUCROT, Oswald. Argumentação e “topoi” argumentativos. In: GUIMARÃES, E. (Org). **História e sentido na linguagem**. 2.ed. Campinas: Editora RG, 2008.

LYSARDO-DIAS, Dylia. O discurso do estereótipo na mídia. In: EMEDIATO, W.; MACHADO, I.L.; MENEZES, W. (Orgs) **Análise do Discurso: Gêneros, Comunicação e Sociedade**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p. 25-36.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. 3.ed. Campinas: Pontes/Editora da Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. **O contexto da obra literária: enunciação, escritor e sociedade**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora UFOP, 2012.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Tradução por Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 2, 2001. p. 101-142.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

PROCÓPIO-XAVIER, Mariana Ramalho. **A configuração discursiva de biografias a partir de algumas balizas de História e Jornalismo**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte – MG, 2012.

QUINTÃO, D; GUIMARÃES, P; ANDRADE, G. **Espaço midiático: comportamento social face às representações e estereótipos homossexuais**. In: Anais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, Bauru – SP, 2013.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Esquete: caracterização de um gênero oral e sua possível correlação com outros gêneros. **Olhares & Trilhas**, v. 19, n. 2, p. 115-143, 2016.